ENTREVISTA Yannik D´Elboux

Nairderton Jr/Divulgação

Marcelo Cortes Neri afirma que os grupos empresariais importantes do País estão se mobilizando em ações educacionais

PODEREMOS SER A PRÓXIMA COREIA?

Economista Marcelo Neri acredita que o Brasil está começando a trilhar um caminho de mudanças, a exemplo do país asiático, mas ainda depende muito da mobilização da sociedade

Por mais absurdo que pareça aos mais letrados, a educação é prioridade recente no Brasil. Foi apenas no ano passado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), que a educação subiu do sétimo lugar (em 2006) para o segundo entre as prioridades da população. Para o economista Marcelo Cortes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Ph.D em Economia pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, além de pesquisador nas áreas de bem-estar social, educação, microfinanças e microeconometria, esse é um dos indicadores de que um movimento importante de mudanças, a exemplo do que aconteceu na Coreia do Sul, esteja começando no Brasil. "Menos informal, menos oriental", ressalta o economista, ou seja, mais do jeitinho brasileiro, entretanto também com boas possibilidades de transformação, desde que seja feito o "dever de casa" e exista mobilização da sociedade.

Em visita à Curitiba (PR), convidado pela Aymará Edições e Tecnologia, para participar de um programa de formação continuada de seus gestores, Marcelo Neri concedeu essa entrevista à *Profissão Mestre*, em que fala sobre as metas educacionais, o sistema de bônus por performance e faz uma interessante observação sobre as razões pelas quais os políticos, em geral, não dão a devida importância à educação.

Profissão Mestre: Os dados mais recentes relativos à educação pública mostram que o Brasil evoluiu no acesso ao ensino, porém ainda precisa melhorar muito na qualidade. Estabelecer metas, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), é o caminho?
Marcelo Cortes Neri: Acho que sim. O brasileiro, por uma questão cultural, gosta e responde bem a metas quando é desafiado. Por exemplo, com relação às metas da inflação, o Brasil foi recordista mundial nesse quesito, ganhamos

até da Argentina, e o Brasil hoje tem metas de inflação e está cumprindo; está em uma fase difícil, mas vem cumprindo. O brasileiro reage bem a metas. Nesse caso, eu até observei, quando foi feita a Prova Brasil, a discussão se não era um exagero ter provas em cada escola pública se já existe o Saeb [Sistema de Avaliação da Educação Básica]. Será que não é um exagero? Custa 55 milhões fazer isso. E presenciei um momento mágico quando foi lançado o PDE [Plano de Desenvolvimento da Escola]; organizei um debate na Fundação Getulio Vargas com vários especialistas e vi várias pessoas falando entusiasmadamente. Mas não eram contra a Prova Brasil, por que agora é diferente? Justamente por causa da meta. Tem-se um objetivo, não é apenas mais um indicador, mas é um desafio. As metas do Todos Pela Educação e do governo federal do Ideb para 2021 são uma agenda prospectiva. Sou um entusiasta, defendo as metas sociais há muitos anos. É uma decisão acertada porque o brasileiro gosta de ser desafiado e, nesse caso, você tem a nota para cada escola pública, cada município, etc. – isso pode ajudar a transformar a qualidade da educação.

Profissão Mestre: A meta de alcançar nota 6 no Ideb até 2021 para as primeiras séries do ensino fundamental, até 2025 para os anos finais e 2028 para o ensino médio não é modesta demais? Não seria estratégia política para sempre mostrar avanços?
Neri: Inicialmente, eu tinha medo do oposto, de as metas serem muito ambiciosas. Quem fez as metas não se exigiu ao máximo desde o começo, mas acho que não [não seria uma estratégia política]. O Brasil está cumprindo bem as metas traçadas, talvez por essa regra de transição inicial, mas não acredito que sejam muito modestas. Você sair de 3,8 para 6 é uma revolução; é uma coisa difícil de ser feita. O Brasil está cumprindo as metas. Veja o Pisa [Programa Internacional de Avaliação de Alunos] 2008-2009. A história da educação brasileira tem boas e más notícias. As más são que o nível de educação é muito baixo, a qualidade é muito ruim, mas a boa notícia é que ela vem avançando e que tem muito espaço para melhorar, para nos tornarmos um país normal em educação.

Profissão Mestre: Os números ajudam a compreender a situação em que se encontra a educação brasileira. Mas esses dados estão sendo bem aproveitados para traçar ações para mudar o cenário educacional?
Neri: É um longo processo, não acho que seja automático. São condições necessárias você ter provas, avaliar, agora, se a sociedade vai ou não utilizar os resultados depende de mobilização. A mobilização que tenho visto, primeiro do ponto de vista de empresas, grandes grupos empresariais que adotaram essa agenda de metas e fundaram o Todos pela Educação, do qual orgulhosamente faço parte como integrante do grupo técnico que fixou as metas, é impressionante. É um poder de fogo grande, boa parte do PIB [Produto Interno Bruto] está ali. São os herdeiros que não trabalham mais nas empresas, que se profissionalizaram, que têm poder de fogo e estão dedicando suas vidas à causa educacional, a ações de responsabilidade corporativa ligadas às empresas, etc. É o capital que está investindo, coisa que não se fazia até então; estão tomando a frente, é um ponto bastante alvissareiro. A imprensa, essa nossa conversa é um exemplo, também. Existe uma maior quantidade de matérias e assuntos ligados à educação. Não fiz um levantamento, mas percebo, pela minha leitura diária, que mudou. Aí a gente começa perceber que os principais protagonistas da educação, que a meu ver são os pais e os alunos, começam (ou nós começamos) a mudar – e sem eles mudarem, a gente pode vencer todas as batalhas, mas vai perder a guerra. A educação era sétima prioridade pelo Datafolha, pelo Ibope, e agora já é a segunda prioridade. Não estou dizendo que esse seja um dado, uma conquista já definitiva, mas é um indicador de que um pouco do que aconteceu na Coreia [do Sul] talvez esteja começando com nosso jeito, mais informal, menos oriental. Talvez esteja havendo um movimento da sociedade brasileira

que nunca houve. Nas décadas de 1960 e 1970, é muito claro que o Brasil estava crescendo muito, porém tinha um grande gargalo na educação, era ditadura, etc. Mas a grande bandeira não era pôr as crianças na escola; era virar democracia. A prioridade para a educação está surgindo só agora. Talvez via esses instrumentos, via essa campanha, ela pode realmente mudar. É um otimismo condicionado. A gente vai ter que fazer o dever de casa.

Profissão Mestre: A porcentagem do PIB que o Brasil gasta com educação básica (4,3% em 2009) é praticamente igual ao da Coreia do Sul (4,2%) e superior ao do Japão (3,5%), que possuem indicadores educacionais como o Pisa bem melhores do que os nossos. O Brasil gasta mal o dinheiro com a educação?
Neri: Gasta mal não só na educação. Na área social, o Brasil não gasta pouco; gasta mal, há muito tempo. Isso está claro; estudos de meados dos anos 90 mostravam isso para todas as áreas. No caso da educação, há problema de distribuição, tem muita instituição pública no ensino superior consumindo recursos com grande distorção. (...) O problema não é o tamanho do gasto, mas a qualidade da sua distribuição entre os diferentes níveis de educação. O gasto em educação como proporção do PIB (e o PIB também tem crescido nos últimos anos) tem aumentado não desprezivelmente e por causa da educação básica, então pode ser mais um sinal de que as coisas estão começando a ir na direção desejada.

Profissão Mestre: Mesmo considerando que existe um investimento mais alto no ensino superior em relação à educação básica, o senhor acredita que, ainda assim, exista ineficiência na gestão educacional pública?
Neri: Existe. Mas essa situação começa a mudar de forma estrutural quando os pais acompanham a qualidade das escolas dos seus filhos. No meu caso – tenho um filho que está entrando no ensino médio e acompanho todo ano o Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] –, mesmo com todas as suas distorções. Muda o jogo. Foi o que aconteceu na Coreia. Não precisa se tornar uma obsessão, mas virar uma prioridade realmente. Quando se tem uma sociedade bem informada, pelo menos se sabe quão ruim é a nossa educação. É o primeiro passo, pelo menos a gente tem um norte traçado.

> "O problema não é o tamanho do gasto, mas a qualidade da sua **distribuição** entre os diferentes níveis de educação"

Profissão Mestre: Muitos especialistas defendem a responsabilização, com cobrança de resultados a partir dos indicadores nacionais e internacionais, como forma de estimular a melhora da qualidade na educação. O senhor concorda?
Neri: Eu acredito nesse caminho, sou economista. Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro (onde moro), São Paulo e Recife adotaram esse sistema. E no Rio a gente está indo além. A gente copiou, no bom sentido, esse prêmio em que a performance do aluno beneficia o professor. Acho que é justo inclusive porque o salário do professor é baixo e, na verdade, a responsabilidade dele é muito alta, estratégica para o País, para aquelas pessoas, ele vai mudar a vida delas se a educação for de qualidade. Então é razoável ele ter uma participação nos lucros, nos benefícios. (...) E na educação tem de se tentar várias possibilidades, explorá-las e selecionar as boas experiências, medir seus resultados. Como estamos em um sistema muito mais transparente (existe internet), todos estão sendo avaliados. Ainda estamos começando, somos uma democracia. O único problema da educação na democracia, que é um problema sério, é que o público-alvo são as crianças. Criança não vota, e os efeitos da educação são a longo prazo. Então você tem um imbróglio na lógica política; por isso que tem de se contar muito com a participação da sociedade, etc., porque os políticos não dão, pelas razões do mercado eleitoral, a devida importância à educação.

Profissão Mestre: Nos Estados Unidos, o sistema de bônus acabou tendo alguns efeitos colaterais, como as escolas que passaram a focar em preparar seus alunos para os testes, distanciando-se de sua função primordial. Como o senhor analisa esse problema e como evitar que aconteça no Brasil?
Neri: É importante avaliar experiências que não estão funcionando, como a americana. O gasto por aluno nos Estados Unidos aumentou muito nos últimos anos. Não foi só avaliar: foram dados mais recursos e a performance caiu. Mas eu colocaria como contraponto a Coreia, onde existe uma obsessão e o efeito colateral não é pelos resultados que não vieram, mas pelo estresse que causa às crianças, que é outro efeito colateral que deve ser ponderado. Mas depende de como você faz ou não faz. Defendo avaliar performance; reconheço que uma vez que você começa avaliar vai direcionar melhor as escolas. Com um sistema baseado no Enem, um garoto de um Estado pode prestar vestibular para outro. Há um ganho grande. Como tudo na vida, você ganha de um lado e perde de outro. Existem vários percalços no caminho. Esses ingredientes de meta, performance, podem gerar esses efeitos colaterais, têm que ser bem trabalhados, mas geram efeitos que valem a pena. Obviamente que a questão é como você fica com o lado bom minimizando essa situação. O caso americano é terrível neste sentido, pouco eficiente, mas os Estados Unidos têm um sistema de universidades que é exemplar. E o Obama está com uma linha bastante interessante; vi alguns discursos dele na área de educação de valores. Então, pelo menos lá, está havendo uma autocrítica sobre a importância da educação básica. ■

O que achou desta entrevista?
Mande elogios, críticas e sugestões para yannik@humanaeditorial.com.br